

Construções de latinidade e ideologias linguísticas na internet

Leonardo Dias Cruz

Submetido em 10 de setembro de 2016.

Aceito para publicação em 09 de outubro de 2017.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 55, dezembro de 2017. p. 27-45

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

(a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.

(b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.

(c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.

(d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 29 de dezembro de 2017

17:59:59

CONSTRUÇÕES DE LATINIDADE E IDEOLOGIAS LINGÜÍSTICAS NA INTERNET

CONSTRUCTIONS OF LATINIDAD AND LINGUISTIC IDEOLOGIES ON THE INTERNET

Leonardo Dias Cruz¹

RESUMO: *A web 2.0 confere aos indivíduos a possibilidade de se engajarem ativamente em interações online, que desafiam fronteiras tanto temporais quanto espaciais. Nessas interações, categorias sociais são constantemente (re)negociadas nos embates discursivos travados. O presente estudo focaliza as (re)construções de sociabilidades latinas na web, debruçando-se sobre comentários gerados em uma postagem da atriz Gina Rodriguez no Instagram. A partir das noções de entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990), indexicalidade (SILVERSTEIN, 2009) e ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2005), a análise descreve as múltiplas construções de latinidade, sinalizando as diversas – e, muitas vezes, contrastantes – ideologias linguísticas que as subjazem.*

PALAVRAS-CHAVE: *latinidade; ideologias linguísticas; indexicalidade; entextualização.*

ABSTRACT: *The web 2.0 enables people to engage actively in online interactions, which defy both temporal and spacial frontiers. In these interactions, social categories are constantly (re)negotiated in the discursive struggles carried out by interlocutors. This study is centered on the (re)constructions of latino(a) subjectivities on the web, focusing on some comments posted in a publication from the actress Gina Rodriguez at Instagram. Through the lens of entextualization, indexicality and orders of indexicality, the analysis describes the multiples constructions of latinidad, signaling the diverse – and usually opposing – linguistic ideologies that underlie them.*

KEYWORDS: *latinidad; linguistic ideologies; indexicality; entextualization.*

1. O mundo contemporâneo e o fluxo constante

Vivemos em movimento. Não há escapatória. Por mais que não percebamos, estamos sempre em fluxo. Basta olharmos ao nosso redor: há um número intenso de pessoas se deslocando geograficamente para outros lugares; há um número ainda maior estabelecendo contatos com indivíduos em diversas partes do mundo – até mesmo via internet; temos acesso a filmes, seriados e músicas de diferentes culturas; vemos vídeos de lugares e tempos diferentes na internet; lemos livros, contos e poemas de autores remotos, tanto espacial quanto temporalmente. Em outras palavras, estamos sempre viajando, ainda que nem saíamos de casa.

Seres humanos sempre estiveram em movimento. No entanto, é possível afirmar que a contemporaneidade faz com esses movimentos fiquem ainda mais visíveis e recorrentes. Afinal, para chegar a outro lugar, não são mais necessários dias ou meses

¹ Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Licenciado em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

de viagens em carruagens ou caravelas: basta um voo de algumas horas e o deslocamento está feito. Além disso, a comunicação instantânea surgiu e permaneceu: saem as cartas e aparecem SMSs, Whatsapp, Skype, Facebook, Twitter... Uma infinidade de aplicativos e plataformas que potencializam as interações entre indivíduos – obviamente, para aqueles que têm acesso a esses meios visto que não podemos afirmar que a expansão de mídias digitais se deu da mesma forma para todos. Nesse contexto, toda e qualquer previsibilidade nos efeitos da mobilidade humana torna-se desconhecida. Não há o que se esperar dos contatos que os indivíduos estabelecem entre si nas interações em que se engajam.

Considerando que viajamos mais, é correto pensar que também nos misturamos mais. Processos de mestiçagem e hibridizações (CANCLINI, 2000) vêm cada vez mais à tona. Ideias se misturam, “línguas” se hibridizam e “povos” se mesclam. Torna-se cada vez mais difícil delimitar um grupo social já que a diferença fica mais evidente. O ideal de homogeneidade esvaece pelos nossos dedos. Isso não quer dizer que ainda não tentemos fazer sentido do mundo a partir de categorias sociais bem modernistas. Pelo contrário, o senso de unidade ainda permeia as práticas discursivas² em que nos engajamos cotidianamente. O que é relevante no momento contemporâneo é que, nessas próprias práticas, a diferença e a outridade se fazem presentes de forma intensa e desafiam constantemente a perspectiva moderna de construir o mundo. Como afirma Bauman (1992), vivemos em uma pós-modernidade, era marcada pela autorreflexão constante, com verdades, no plural, em conflito. Ontologias entram em contato e atrito e, por mais que haja hierarquizações, todas coexistem – ainda que tal coexistência não seja livre de fricções.

O choque com o outro se torna inevitável. Uma grande multiplicidade de formas de vida emerge e ganha visibilidade. Ao estudar o panorama social-cultural-político da Inglaterra, Vertovec (2007) cunha o termo *superdiversidade*, tentando contemplar as mais variadas subjetividades que coexistem no “território”³. Descrito por Blommaert (2014) como sendo “a diversidade na diversidade”, esse fenômeno sinaliza um altíssimo grau de mistura e heterogeneidade. É importante notar que, apesar de o termo advir de um estudo situado na Inglaterra, a *superdiversidade* não se reduz a uma “nação”; se estamos sempre em fluxo por diferentes espaços e tempos, podemos concluir que a *superdiversidade* nos afeta em um nível global. Talvez um nível nunca antes experimentado e que aumenta de forma exponencial – tanto que é possível pensar que já vivamos em uma hiperdiversidade.

Considerando essa volatilidade da atualidade, Bauman (2005) se utiliza da metáfora da liquidez para entender a vida no fluxo pós-moderno. Conceber o mundo como líquido é vislumbrar uma “sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir” (BAUMAN, 2005, p. 7). Com isso, as mudanças são sempre céleres, a brevidade assola nossas práticas e o movimento se intensifica. A aparente solidez é apenas mais uma construção, mais uma ilusão. Nada é fixo; tudo é líquido. Categorias sociais – como *homem* e *mulher*, *latino* e *européu* – não

² Entendo discurso como “práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1972, p. 49 apud MILLS, 2004, p. 15). Isso implica em um alinhamento a perspectivas pós-estruturalistas quanto à linguagem, que será mais bem descrito na subseção 3.2..

³ Termos que remetam à modernidade ao estruturalismo, tais quais “território”, “nação”, “povo”, “língua”, “comunidade” e “fronteira”, por exemplo, serão usados entre aspas como forma de sinalizar um posicionamento ideológico de estranhar esses conceitos tão naturalizados.

são tão bem delimitadas quanto as concebemos. Esse é um mundo de fronteiras borradas, em que nada pode ser considerado dado.

Considerando esse panorama, o presente trabalho direciona seu foco para construções de latinidade no mundo atual, sobretudo na internet. Com questões de diversidade e representatividade emergindo cada vez mais intensamente na web, assim como polêmicas envolvendo o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, a temática da latinidade tem gerado debates interessantes, que se baseiam em problemas relacionados a tom de pele, nacionalidade e, como é o caso desse estudo, “língua”. As perguntas que guiam meu estudo, então, são: como indivíduos constroem sociabilidades latinas online? Quais ideologias linguísticas atravessam os posicionamentos dos internautas?

A fim de responder tais perguntas, acompanho comentários no Instagram relacionados a uma polêmica envolvendo a atriz Gina Rodriguez – estadunidense, filha de porto-riquenhos e protagonista da série “Jane the virgin”. Em 2015, a atriz fez uma postagem com “erros gramaticais”⁴ em Espanhol em sua página na rede social Instagram, gerando um debate acerca do que é ser latino, dos (possíveis) graus de latinidade e da legitimação de sociabilidades latinas no interior dessa própria comunidade. Investigo essa postagem de Rodriguez e os comentários de alguns fãs. Utilizo-me de um arcabouço teórico que possibilita entranhar engessamentos modernos e responder às perguntas propostas, de forma a entender latinidade como uma categoria social instável.

2. Latinidade e América Latina: uma perspectiva histórica

As construções de latinidade não são tão facilmente mapeáveis quanto possam parecer à primeira vista. Lembro que, durante uma viagem a Miami, disse à minha irmã: “Nossa, tem muito latino aqui mesmo!”. Após esse episódio, visivelmente marcado por uma série de ideias estereotipadas, comecei a refletir sobre os significados para que o termo que empreguei – “latino” – apontava. Por que o latino era o outro? Por que eu me excluí desse rótulo se também moro na dita América Latina? Por que me excluí desse rótulo se minha primeira “língua” é uma “língua” de origem latina? O que ficou evidente, para mim, nesses questionamentos foi que latinidade, apesar de ser uma categoria social bem instável, acaba sendo construída com base em noções muito modernistas – tais como “língua”, “nação” e “fronteira”.

A ideia de latino ou latinidade está profundamente conectada ao conceito de América Latina e não há consenso entre os estudiosos no que tange à sua origem. Farret e Pinto (2011) afirmam que, para Arturo Ardao, por exemplo, nomes como “Hispanoamérica” ou “América Latina” passaram a ser empregados no século XIX, quando as antigas colônias espanholas se posicionaram contra o imperialismo regional dos EUA nas “nações” ao sul. Em contrapartida, para John Leddy Phelan, a construção desse conceito poderia ser creditada aos franceses, no momento em que Napoleão direcionava esforços à extensão de seu poder às Américas ao sul (Farret; Pinto, 2011),

⁴ O uso de aspas visa estranhar e desnaturalizar a ideia de que há uma “língua” certa. Se movo esforços para desconstruir a homogeneidade defendida em ideologias modernas, não há porquê me ater a noções tão maniqueístas de certo ou errado com relação aos usos de linguagem. Dessa forma, desejo sinalizar que não concordo com a visão de *erro gramatical*, mas reconstruo aqui uma visão com a qual muitos operam – seja nos dados que analiso ou até mesmo em práticas orientadas pelo senso-comum.

na tentativa de “traçar as fronteiras, tanto na Europa, como nas Américas, entre anglo-saxônicos e latinos” (QUENTAL, 2012, p. 64).

Essa noção de América Latina “surge de uma apropriação criativa que intelectuais de origem hispânica, nascidos na América, fazem da divisão entre Latinos e Anglo-Saxões” (QUENTAL, 2012, p. 63). A construção de América Latina foi forjada em relação à de América Saxônica; esses “são conceitos correlacionados ainda que por oposição; não puderam aparecer e se desenvolver a não ser juntos, ainda que por contraste.” (Farret e Pinto, 2011, p. 35). Queiramos ou não, a América Latina e as subjetividades de seus “povos” foram constituídas em paralelo ao americanismo anglo-saxão do norte; são construções relacionais.

Essa divisão entre o Latino e o Anglo-Saxão é oriunda “de fora”, de perspectivas europeias, que acabam por unificar “povos” e “nações” sob um mesmo rótulo. E, partindo dessa divisão, as colônias espanholas tiveram um papel central na constituição da América Latina. Como afirmam Quental (2012) e Farret e Pinto (2011), foram as elites criollas as responsáveis por forjar e perpetuar discursos de latinidade com base nessa divisão. Talvez seja esse o motivo do porquê de, até os dias atuais, o termo “latino” ser majoritariamente empregado aos *hispanohablantes*, como aconteceu no meu exemplo. O latino é o outro, aquele que fala “Espanhol” – apesar de muitas vezes, em visões do Norte, eu ser também construído como *hispanohablante* e colocado sob o mesmo rótulo. O que deve ser ressaltado, em meio a toda essa complexa rede de construções epistemológicas acerca da latinidade, é que o conceito de “língua” é central nas práticas de produção de sentidos sobre o que é ser latino – e hierarquiza os ditos latinos em relação a outras subjetividades.

Essas hierarquizações resultam em construções marginais, inferiorizadas e unificadoras (Farret e Pinto, 2011). A visão exterior europeia da América Latina trouxe – e ainda traz – muito sofrimento às “culturas”, “nações” e “comunidades” que se descrevem ou são descritas como latinas (Bomfim, 2008). São séculos de segregação e estereótipos que se estendem até os dias de hoje e “se reflete[m] de um modo perniciosíssimo sobre nós mesmos” (BOMFIM, 2008, p. 10). A dita identidade latina se populariza através de um entendimento calcado na subordinação e dependência (VIEIRA, CASTAÑEDA, 2009). Basta olhar os noticiários e analisar algumas das declarações do presidente dos EUA, Donald Trump, na época ainda candidato pelo partido republicano. Além de subjugar os latinos que vivem no país, o presidente propunha a construção de um muro entre os EUA e o México – em uma tentativa quase desesperada de se ater a um modernismo ilusório em que movimentos não ocorrem, misturas não se dão e fronteiras, de fato, dividem e classificam indivíduos.

A ideia de uma cultura única e estável é extremamente forte. Afinal, haveria diferenças entre mexicanos e bolivianos? Não são todos latinos? Citando Paz (1972), Bragança (2002) argumenta que a América latina é, na visão colonial do Norte, uma “construção atemporal”, em que nada muda, tudo se mantém o mesmo. Essa perspectiva desconsidera os movimentos dessas culturas em si mesmas e entre si. Há o apagamento de todos os contatos e hibridizações que se sucederam. De acordo com Canclini (2000), a hibridização envolve “processos socioculturais em que estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (p. 8). Obviamente, como o próprio autor argumenta, esses “objetos discretos” são resultados também de hibridizações, ou seja, não existe a entidade pura que se mistura a outra entidade pura. As misturas estão sempre convivendo e o mais

importante são os movimentos em que elas estão embrenhadas e não as entidades ditas puras envolvidas nesse processo.

Como dito anteriormente, todos esses processos de misturas e movimento ficam ainda mais evidentes no momento contemporâneo. Em um mundo marcado pela desterritorialização (BRAGANÇA, 2002), é interessante refletir sobre como as construções de latinidade se dão. O fluxo é intenso e a heterogeneidade é visível. Como isso impacta as formas de construir a latinidade? Como indivíduos fazem sentido de sociabilidades latinas frente a essa trama movente instável e desestabilizadora? Essas são questões que guiam esse estudo. E, para respondê-las, faz-se necessário revisitar alguns conceitos tradicionalmente caros à Linguística e aos estudos sociais e estranhá-los de forma a ressignificá-los à luz de teorizações contemporâneas.

3. Entre a modernidade e a pós-modernidade: revisando conceitos centrais

3.1. *“Uma ‘língua’, uma nação, um povo”*: ideologias linguísticas em um mundo pós-moderno

A questão da latinidade tem sido inexoravelmente conectada à ideia de “língua”. Como discuti na seção anterior, a relação entre as construções de subjetividades latinas e o dito Espanhol é profunda. Irvine e Gal (2000) reconhecem que “a significância da diferenciação linguística está imersa à política de uma região e seus observadores” (p. 35). À diferenciação linguística está associada, portanto, a capacidade de delimitar e traçar fronteiras entre as línguas. E conseguir estabelecer esses limites têm um papel central na organização político-social-cultural do mundo em que vivemos. Ou seja, a dinâmica do mundo não seria a mesma se não identificássemos as “línguas” dos “povos” e das “nações”. Afinal, é através do reconhecimento do dito Espanhol que mapeamos “nações”, construímos latinidades e hierarquizamos “comunidades” e indivíduos.

Esse mapeamento só é possível devido à forma como entendemos “línguas”, seja no senso-comum ou na academia. Por ser mapeada e delimitada, podemos perceber que a “língua” é vista como um objeto que existe no mundo; a “língua” é dada. A Linguística estruturalista recai e reforça essa construção, tanto que Saussure descreve “língua” como “a parte social da linguagem” (SAUSSURE, 2006, p. 22). Isso significa que a “língua” é comum a todos e é homogênea. Todos os falantes do dito Espanhol, por exemplo, teriam acesso à mesma “língua”, com possíveis variações em nível apenas individual.

É essa ideia de homogeneidade, tão difundida em nosso senso-comum e reificado em certas áreas da Linguística, que sustenta e é sustentada pelo mapeamento e pela diferenciação. É essa homogeneidade que permite que tenhamos afirmações como “No Brasil, fala-se Português” ou “No México, fala-se Espanhol” – como se houvesse *um* Português e *um* Espanhol. Essa perspectiva tradicional de “língua”, pelo que é possível perceber, “opera como ingrediente principal na governamentalidade moderna” (BLOMMERT; RAMPTON, 2012, p. 5) e possibilita à Linguística desempenhar um “papel principal no desenvolvimento de estado-nações europeias, assim como na organização e expansão de impérios” (BLOMMERT; RAMPTON, 2012, p. 5).

No entanto, basta olhar para o cenário contemporâneo para que essas afirmações sejam desestabilizadas: se recorrermos à noção de hibridização (CANCLINI, 2000), discutida na seção anterior, percebemos que o “Spanglish” marca presença. Pessoas se utilizam de recursos semióticos diversos, sejam dos *Inglese*s ou dos *Espanhóis* construídos por aí, e se entendem, se comunicam, constroem sentidos conjuntamente em interações fronteiriças. Nesse sentido, o conceito de práticas transidiomáticas de Jacquemet (2005) é útil na tentativa de entender a comunicação no mundo pós-moderno. Essas práticas são descritas como “práticas de grupos transnacionais que interagem usando diferentes línguas (sic) e códigos comunicativos simultaneamente presentes em uma variedade de canais comunicativos, tanto locais quanto distantes” (JACQUEMET, 2005, p. 264-265).

Esses Inglese e Espanhóis não podem ser conectados a nações específicas; ao invés de “línguas” podemos dizer que fazemos usos de recursos semióticos (usualmente associados a tais “línguas”) que se misturam e se hibridizam. É importante, então, desnaturalizar esse Espanhol tão estável com o qual lidamos cotidianamente. Indo além, é necessário desconstruir o próprio conceito de “língua” que aceitamos como dado e não estranhemos nem problematizamos. E, nesse sentido, faz-se necessário recorrer ao conceito de ideologias linguísticas – um conceito que pode ajudar nessa desessencialização que proponho nesse trabalho.

O fato de o conceito estar no plural já sinaliza um aspecto importante: ideologias linguísticas são múltiplas. Não estão associadas apenas ao estudioso da linguagem, por exemplo. Todos nós, indivíduos que fazemos uso da linguagem em nossos dia-a-dia, somos orientados por ideologias linguísticas em nossas práticas. Kroskrity (2004) descreve essas ideologias como “crenças, ou sentimentos, sobre as línguas como usadas em seus mundos sociais” (p. 498). Desse modo, usamos as “línguas” e refletimos sobre elas. E essas reflexões guiam nossas práticas e a forma como nos posicionamos nelas.

Isso implica pensar os usos da linguagem como sempre ideológicos e nunca neutros. Isso implica pensar “língua” como “um projeto discursivo” (WOOLARD, 1998, p. 20), ou seja, uma construção ideológica, que não existe no mundo por si mesma. Isso implica pensar que a relação direta entre “línguas” e “nações” não é dada. A construção de “línguas” específicas e fechadas está “historicamente relacionada à emergência das estado-nações no século XIX” (BLOMMAERT; RAMPTON, 2011, p. 5). E essa ideologia dominante acaba por legitimar “as estado-nações como um modelo histórico particular de regulação do capital” (HELLER; DUCHÊNE, 2012).

É importante considerar, então, que “o saber projetado sobre as línguas, seus usuários e sua cultura não seriam, por esse viés, política e historicamente inocentes” (FABRÍCIO, 2013, p. 152). Tanto que, historicamente, “povos” e “culturas” identificadas como latinas ocupam um lugar à margem, inferiorizados face àqueles/as do Norte. O México, por exemplo, não é uma “nação” que sempre existiu; não é uma “nação” em que sempre se falou Espanhol; não é uma “nação” em que só se fala *um único* Espanhol padrão; e nem é uma “nação” com um povo “inferior” que sempre migra para os Estados Unidos em busca de uma vida melhor – ideias fortemente entranhadas em nosso senso comum. Tudo isso é fruto de construções pautadas, como argumentam Irvine e Gal (2002), em três processos semióticos: iconização, recursividade fractal e apagamento.

A iconização é o processo através do qual “características linguísticas que indexicalizam grupos ou atividades sociais são vistas como representações icônicas destas” (IRVINE; GAL, 2002, p. 37). Dessa forma, há uma associação padronizada e

convencional em que um signo linguístico torna-se um ícone que aponta diretamente para uma construção social. A recursividade fractal, por sua vez, está relacionada à “projeção de uma oposição” (IRVINE; GAL, 2002, p. 38), em que distinções feitas entre grupos sociais em um nível são reproduzidas em outros níveis, gerando binarismos que se multiplicam e recaem sobre uma lógica pautada no eu vs. Outro (ANDRONIS, 2004). Por fim, essas oposições resultam no apagamento de certas subjetividades, de certas diferenças, de certos Outros. O apagamento “determina o que vai ser iconizado e também o que vai se tornar, então, recursivo no interior de um grupo” (ANDRONIS, 2004, p. 264).

Ao contemplar esses processos, vamos de encontro às ideologias linguísticas, usando a terminologia de Briggs (2005), *infeciosas* – no sentido de que se alastram rapidamente pelas diversas práticas sem que percebamos. Estranhar essa ideologia linguística e os conceitos subjacentes a ela só se faz possível se reconhecermos que toda forma de construção de conhecimento é ideológica, que lançamos mão de uma série de ideias nunca neutras ao tentar entender práticas linguísticas. A esse trabalho, subjaz uma ideologia linguística. Uma dentre muitas. Uma que não está necessariamente certa, mas com a qual eu me identifico por acreditar que, ao desconstruir categorias estanques, podemos construir novas formas de vida e diminuir o sofrimento humano. Falo em sofrimento humano porque essas construções de “línguas” têm efeitos materiais em nossas vidas já que afeta nossa educação e nossa forma de se construir perante outros, por exemplo (MAKONI; PENNYCOOK, 2006). E isso tudo só é possível devido à forma como entendo e problematizo a noção de linguagem.

3.2 ‘Língua’ e mobilidade: desconstruindo uma tradição

Decidir questionar essa ideologia linguística tão disseminada e vigente implica distanciar-se ao máximo de perspectivas estruturalistas quanto à linguagem. Saem de cena sistemas fechados, homogeneização e binarismos no estilo *langue vs. parole*. Os engessamentos dão lugar à fluidez. Wittgenstein, por exemplo, é um filósofo cujas ideias podem contribuir para nossa problematização. Sua noção de jogos de linguagem, sempre múltiplos e voláteis, marca uma ruptura com a visão de significado como representação. Ao dizer que “o significado de uma palavra é seu uso na linguagem”, o pensador posiciona os sentidos como móveis e instáveis (MARCONDES, 2007).

Podemos associar as ideias de Wittgenstein às contribuições de Derrida. Este também nega engessamentos em sua forma de entender linguagem. A afirmação “é preciso pensar o rastro antes do ente” (DERRIDA, 2013, p. 57) propõe uma focalização nos processos de significação, históricos e multidirecionados, e não nos significados em si. Até porque, seria impossível alcançar esse significado estanque, único e puro. O que temos são signos linguísticos que não representam, mas indexalizam. A indexicalidade (SILVERSTEIN, 2009) é o processo através do qual signos apontam para outros signos, textos e sentidos macrossociais. São signos apontando para signos, textos apontando para textos, em um processo eterno cuja origem não pode ser acessada, mas os efeitos são múltiplos e imprevisíveis.

A essa noção de indexicalidade pode ser associada uma visão de textualidade enquanto um processo. Ao usar a linguagem, apontamos para signos, discursos e textos. E esses textos são passíveis de descontextualização e recontextualização sucessivas. Essa dinâmica é conhecida como entextualização (BAUMAN; BRIGGS, 1990): um

processo marcado pela díade repetição-alteração (FABRÍCIO, 2014), em que um texto é extraído de um cenário interacional e encaixado em outro, entrando em contato com novos signos, textos e discursos. A entextualização é um fenômeno iterável – na formulação derridiana do termo (SILVERSTEIN; URBAN, 1996) – e é, portanto, marcada pela repetição na alteridade. Quando des/recontextualizado, um texto não deixa de ser o mesmo, mas também se torna outro.

Seguindo essas ideias, o signo “latino” não representa uma pessoa nascida na América Latina ou uma pessoa que fala uma “língua” derivada do dito Latim. Ele aponta para outros signos como “latinidade” e “América Latina”; aponta para textos diversos, veiculados em jornais, blogs, interações face a face, etc.; e aponta para sentidos macrosociais tais quais aqueles em que os ditos latinos são considerados inferiores, *hispanohablantes* e morenos, por exemplo. É um signo que pode entextualizar discursos de latino como uma identidade cultural a ser preservada, ou discursos de um grupo social inferior, ou discursos de práticas migratórias ilegais, e por aí vai. Ou seja, “latino” é um signo que arrasta consigo uma história extensa de uso, com vários processos de significação e vários significados, ora convergentes ora opostos, em jogo.

Obviamente, esses significados, por mais múltiplos que sejam, estão associados a alguma forma de padronização – ainda que mínima. Caso contrário, não conseguiríamos nos comunicar. Cada interlocutor construiria um sentido diferente, sem uma base comum, e nenhuma negociação aconteceria. A essa padronização Blommaert (2005) dá o nome de ordem indexical. Para o autor, uma ordem indexical seria “não arbitrária, social e culturalmente sensível” (Blommaert, 2005, p. 253), ou seja, a associação entre um signo e os sentidos para os quais ele aponta não é natural, mas ideologicamente motivada. O signo “latino”, portanto, aponta para diversos sentidos e alguns deles já são, de certa forma, reconhecidos e esperados socialmente. Não estou afirmando que estamos imersos em uma dinâmica de repetição de significados; o que afirmo é que existem certos padrões que podem ser perpetuados ou rompidos. Até porque, até mesmo na repetição, há inovação.

Percebemos, então, que “latino” não é um signo com sentidos fixos. Quando nos engajamos com outros em nossas interações, construímos os significados, construímos categorias sociais, construímos nossas sociabilidades. É, nesse sentido, que Blommaert concebe as identidades como semióticas (2005). Elas são negociadas através de múltiplos posicionamentos que assumimos para nós mesmos e para os outros. E fazemos isso com os recursos semióticos a que temos acesso nas práticas situadas. É no post do Instagram que Gina Rodriguez se constrói como latina e constrói com seus fãs o que é ser latino, posicionando-se e posicionando os demais.

A latinidade, no entanto, não é um traço de subjetividade construído no vácuo. Ele é atravessado por outras sociabilidades, tais como gênero, sexualidade, raça, classe social e nacionalidade. Gina Rodriguez se constrói como latina. Mas não é só latina. É mulher, heterossexual, porto-riquenha, que possui posição social de destaque e, junto a tudo isso, latina. Todos esses traços influenciam uns aos outros de forma que é impossível separá-los. Não é apenas uma somatória de subjetividades. O gênero afeta a sexualidade que afeta a latinidade, por exemplo. Todos esses traços são marcados por uma interseccionalidade entre si (MOITA LOPES, 2002).

Esses recursos semióticos a partir dos quais construímos essas identidades não estão disponíveis igualmente a todos aqueles que usam a linguagem. Isso coloca em xeque, novamente, a ideia de homogeneidade. No entanto, mais importante, ressalta as

desigualdades que se dão em práticas linguísticas. Os signos e os sentidos para os quais apontam são valorados diferentemente a depender das práticas em são usados. As indexicalidades “operam dentro de grandes complexos estratificados em que algumas formas de semioses são sistematicamente percebidas como valiosas, outras como menos valiosas, e algumas não são consideradas de forma alguma, enquanto todas estão sujeitas a regras de acesso e regulamentação assim como à circulação.” (p. 47). Essas regras que orientam práticas de construção de sentidos são conhecidas como ordens de indexicalidade (Blommaert, 2005). Quando em interações, nos movemos por diferentes ordens, cujos centros de poder são múltiplos e, com isso, proporcionam diferentes valorações.

Isso significa que o signo “latino” pode ser ora valorizado ora ridicularizado. A depender do centro de onde emana o poder, essa categoria social pode receber diferentes valorações. Nos discursos de Trump, por exemplo, o latino é sempre inferiorizado, rechaçado e marginalizado. Nos dados investigados nesse estudo, a latinidade possui várias atribuições: é, normalmente, enaltecida; porém, tudo depende de como é construída. O que entra e o que não entra nesse conceito guarda-chuva? Dependendo da resposta, a sociabilidade pode ser significada e valorada de diferentes formas. Vamos, então, ao contexto desse estudo.

4. @hereisgina: Do Instagram ao YouTube

Esse trabalho, conforme explanado na primeira seção, focaliza o perfil da atriz Gina Rodriguez no Instagram. Ainda pouco conhecida, Gina estourou no mundo do entretenimento em Janeiro de 2015 ao ganhar o Globo de Ouro na categoria Melhor Atriz em série de comédia ou musical pelo seriado “Jane the virgin”, em que interpreta uma jovem latina virgem inseminada artificialmente por engano. Com sucesso de público moderado, “Jane the virgin” conquistou os críticos, colocando Gina no hall de talentos a serem observados nos próximos anos.

Rodriguez possui contas oficiais em duas redes sociais: Twitter e Instagram. No Instagram, atriz possui mais de oitocentos mil seguidores e usa a conta para promover seus trabalhos e postar vários materiais relacionados a suas vidas pública e privada, sejam fotos dos bastidores de gravação da série ou de seus amigos, familiares e cachorros. Uma publicação específica⁵ gerou bastante polêmica e chamou a atenção de grande parte da mídia. Nela, a atriz promoveu a capa da edição da *People Español* que focava em seu trabalho. A postagem foi feita em Agosto de 2015, obteve mais de vinte mil curtidas e gerou quatrocentos e trinta e um comentários.

Nesta publicação, possivelmente reconhecida como *transidiomática*, a atriz usou duas “línguas”, sendo que os dois textos não são necessariamente iguais. O uso dessas duas “línguas” pode indexicalizar uma tentativa da atriz de estabelecer diálogo com a “comunidade latina”⁶, incluindo aqueles indivíduos que migraram para os Estados Unidos, aqueles que são descendentes de latinos e aqueles que não moram nos EUA, mas acompanham o seriado. O grande “problema” foi que Gina, no texto em Espanhol, fugiu às regras gramaticais do Espanhol “padrão” e “correto”. Ao não utilizar o modo

⁵A postagem pode ser acessada no link: <<https://www.instagram.com/p/6BPYKCHLh7/?taken-by=hereisgina>>

⁶ Termo êmico

imperativo no verbo “recoger”, a atriz passa a ser estigmatizada e tem sua latinidade posta em xeque nos comentários.

Meu objetivo é, então, estudar os comentários e ver como sociabilidades latinas são construídas pelos interlocutores – tanto os fãs quanto a própria Gina. A forma como o Instagram dispõe os comentários dificulta a análise em sequências já que podemos responder a um usuário, mas essa relação entre comentários não fica evidente no layout da rede social. No entanto, tentarei contemplar essas relações quando possível. Ao todo, serão estudados nove comentários publicados nesta postagem no Instagram. As categorias analíticas foram apresentadas na seção anterior: ordens indexicais, entextualização e ordens de indexicalidade. Sem mais delongas, vamos às análises.

5. Análise dos dados: uma viagem pelos comentários

Nessa seção, me deterei a analisar oito comentários usando os conceitos teórico-analíticos descritos previamente. Os nomes das participantes, excetuando Gina, foram substituídos por nomes de personagens da série “Jane the virgin”. O nome de Gina não foi alterado devido ao fato de ela ser uma celebridade e responsável pela página em que as práticas textuais analisadas se dão. O primeiro comentário, da participante Petra, é:

- (1) Petra: “Uuuuu that Spanish 😞”.
Tradução: “Uuuuu esse Espanhol 😞”.

No comentário de Petra⁷, a onomatopeia “Uuuuu” indexicaliza uma atitude de reprovação, um alerta de que algo está errado. Essa indexicalização pode ser confirmada pelo uso do emoticon 😞. Esse emoticon funciona como ícone de expressão facial de descontentamento, entextualizando recursos semióticos não-verbais que usamos para demonstrar insatisfação. Essa entextualização reforça a valoração negativa já indicada na onomatopeia inicial. A expressão “that Spanish” recontextualiza o texto em Espanhol e aponta para o que está sendo valorado: a variante de Espanhol usada por Gina. O pronome “that”, que indexicaliza distância, aponta para uma tentativa da participante de se distanciar dessa variante – esse é o outro Espanhol, não o seu. Com isso, podemos pensar o signo como apontando para uma ordem indexical em que o Espanhol é uma “língua” com certo e errado, com centro e margem. A participante opera, então, em uma ordem de indexicalidade em que formas não-padrão são valoradas negativamente e rejeitadas. É uma ordem de indexicalidade cujo centro de onde o poder emana é bastante hegemônico e purista. Há um Espanhol “certo”; os demais são aqueles que até podemos entender, mas não reconhecemos como legítimos. A esse comentário sucedem-se outros, dentre os quais destaco o seguinte:

- (2) Rose: “No le sabe bien a Google translate”.
Tradução: “Não conhece bem o Google Tradutor”.

⁷ O nome Petra faz referência à personagem Petra Solano.

O comentário de Rose⁸, ainda que não uma resposta direta, parece estar alinhado ao de Petra. O signo “Google translate” não representa ou aponta para a ferramenta de tradução do Google em si, mas para os sentidos negativos atribuídos a ela e ao trabalho de tradução realizado. O signo indexicaliza ainda a necessidade de Gina usar uma estratégia de tradução, desqualificando, assim, os usos de Espanhol feitos pela atriz. Com a afirmação “no le sabe bien”, Rose valora negativamente o texto de Gina e, assim como Petra, opera com uma ordem de indexicalidade em que o não-padrão é rejeitado e visto como ruim.

Podemos perceber, então, que ambos os comentários são orientados por uma ideologia linguística tradicional, calcada em um forte estruturalismo. Há *um* Espanhol “certo”; tudo o que desvia dele é rechaçado. A oposição eu vs. Outro está presente aqui, fruto do processo de recursividade fractal. O binarismo Espanhol vs. outras “línguas” – que só é possível devido à visão de que “línguas” são sistemas com fronteiras bem estabelecidas – se reproduz em um nível “intralinguístico”, em que temos “Espanhol certo” vs. “Espanhol errado”. E, com essa oposição, tudo aquilo que não é padrão fica sob o rótulo de “errado”, sendo subjugado, marginalizado, *apagado*.

(3) Gina Rodriguez: “[Para Petra e Rose] It was actually my parents who helped me with the Spanish 🤔🤔”.

Tradução: “[Para Petra e Rose] Na verdade, foram meus pais que me ajudaram com o Espanhol 🤔🤔”.

Em sua resposta a esses dois comentários, Gina faz referência a seus pais, usando o signo “parents”, predicado através da oração “who helped me”. Esse signo, nessa prática, não aponta meramente ao sentido de um casal que concebe e cria uma criança; a predicação tem um papel central ao sinalizar a ordem indexical de casal de pais comumente reconhecidos como *latinos*⁹ e falantes nativos da “língua” espanhola. Não apenas o falante nativo como aquele que nasce em uma “nação” em que se fala certa “língua”; mas o falante nativo como aquele que tem conhecimento profundo e legitimado da “língua” – já que a fala desde que nasceu.

A referência ao signo “parents” deslegitima diretamente o comentário de Rose. No entanto, no afã de justificar seus supostos “erros” e rebater as críticas, Gina entextualiza discursos de falantes nativos como sujeito com propriedade para fazer afirmações acerca da “língua” e, como efeito, empodera o nativo e recai sobre a lógica de “uma língua, uma nação, um povo”. Não é possível afirmar que essa tenha sido a intenção da atriz – até porque muitas de suas publicações são contra “normas” linguísticas. No entanto, sua referência a “parents” aponta para sentidos cristalizados, sinalizando uma argumentação que opera sob uma ordem de indexicalidade em que os nativos são hierarquicamente alocados como superiores ou mais conhecedores em termos linguísticos.

Os emoticons 🤔 e 🤔 confirmam a deslegitimação dos comentários das demais participantes ao indexicalizar choque e surpresa. O comentário de Gina, então, não desconstrói a ideologia linguística tradicional que orienta os posicionamentos de suas

⁸ O nome faz referência à personagem Rose Solano.

⁹ Digo que são “comumente reconhecidos como latinos” devido ao fato de os pais de Gina serem Porto-riquenhos, falantes nativos de Espanhol e com cor de pele não caucasiana. Isso, estereotipicamente, indexicaliza uma identidade latina.

interlocutoras. Ao tentar rebater críticas, a atriz recai sobre a lógica do falante nativo empoderado, que favorece a manutenção de toda uma rede epistemológica estruturalista, hierarquizante e, porquê não, encarceradora.

(4) Petra: “Props for trying! Many latinas want to forget Spanish when they become famous! All you need is more practice and you should be fine”.

Tradução: “Parabéns por tentar! Muitas Latinas querem esquecer o Espanhol quando se tornam famosas. Você só precisa de um pouco mais de prática e ficará bem”.

Em seu segundo comentário, Petra responde à Gina e realinha seu posicionamento através da expressão inicial “props for trying”. Ela passa a operar em uma ordem de indexicalidade em que a escrita em Espanhol – “errada” ou não – é valorizada pela simples tentativa. A afirmação “many latinas want to forget the Spanish when they become famous” aponta para diversos sentidos macrosociais. Primeiramente, a ligação entre “língua” e “povo” (ou, nesse caso, “povo” latino) é indexicalizada e naturalizada. Quem é latino fala Espanhol. A participante, então, se alinha a uma ideologia linguística que equivale “línguas” a “povos” e “estado-nações”, entendendo “língua” como um construto dado e unificado.

Além disso, o signo “Spanish”, em contato com outros signos e recursos no comentário e na interação, aponta para uma ordem indexical em que “Spanish” é naturalizada como “língua” inferior. Se há latinas que querem esquecer essa “língua”, pode-se inferir que ela é comumente construída como uma “língua” *menor*. Petra, no entanto, opera em uma ordem de indexicalidade que questiona essa hierarquização do Espanhol em relação a outras “línguas”. Ademais, é interessante pensar o uso do signo “latinas”, no feminino. Há muitos artistas latinos, independente do gênero, famosos, mas a participante optou por a forma “latinas”. Não há como acessar a intenção de Petra ao fazer essa escolha, mas, como efeito discursivo, temos uma interseccionalidade pulsante entre latinidade e feminilidade no que tange ao posicionamento quanto à hierarquização da “língua” espanhola.

Por fim, na última frase “All you need is more practice and you should be fine”, os signos “practice” e “fine”, ao serem usados juntos, entextualizam discursos tão difundidos no senso-comum de que a prática leva à perfeição – ou, pelo menos, aos usos “apropriados” das “línguas”. Ao elogiar o esforço de Gina, Petra: 1. hierarquiza o esforço como superior ou mais relevante que o “erro”; 2. Sinaliza a importância do dito Espanhol; e 3. Recontextualiza a lógica moderna de concepção de “línguas”.

(5) Xiomara: “La quiero mucho, pero como latina q es debería cuidar un poquito su gramática española jajajaja”.

Tradução: “Gosto muito de você, mas, como latina, deveria cuidar um pouco mais de sua gramática espanhola jajajaja”.

Em outro momento, Xiomara¹⁰, outra interlocutora que responde à publicação de Gina, se alinha como fã da atriz ao dizer: “La quiero mucho”. Os signos “quiero” e

¹⁰ O nome Xiomara faz referência à personagem Xiomara Gloriana Villanueva.

“mucho” juntos indexicalizam, nessa prática, a admiração e o carinho da fã pela artista e por seu trabalho e, de certa forma, recontextualizam as publicações da atriz (incluindo a publicação em questão), que promovem seus trabalhos. O signo “pero”, entretanto, sinaliza que há algum problema ou algo não apreciado. A expressão verbal “debería cuidar”, ligada a “gramática española”, aponta para uma ordem indexical de “língua” com gramática certa, uma gramática que deve ser estudada e usada.

Xiomara, então, é orientada pela mesma ideologia linguística tradicional que perpassa os comentários das demais interlocutoras. É uma ideologia linguística circunscrita a uma ordem de indexicalidade em que variantes da “língua” são hierarquizadas e, apenas a variante “certa” é valorada positivamente. As demais, incluindo a de Gina, devem ser *cuidadas*. O signo “latina”, quando usado lado a lado à expressão “gramática española”, aponta para uma ordem indexical de latinidade como diretamente ligada à “língua”. Ser latina equivale ou, pelo menos, pressupõe o uso “correto” do dito Espanhol. A relação entre “língua” e latinidade aqui é construída como intrínseca. A própria latinidade é construída com base na dita “língua” espanhola: é latino aquele que fala o dito Espanhol. É como se o traço mais definidor de ser latina ou não é saber usar a “língua”. O signo Espanhol, ou nesse caso “gramática española”, torna-se, via processo de iconização, um ícone da latinidade: o dito Espanhol indexicaliza diretamente o/a latino/a, em uma relação convencional e aparentemente estável.

Apesar das críticas e comentários negativos, alguns participantes também demonstraram apoio à Gina. Esse é o caso de Lina^{11□}, Alba^{12□} e Luisa^{13□}. O comentário de Lina é uma resposta direta à publicação:

(6) Lina: “Para la gente que critica su español, veo que no asen la lucha para poner um comentário em Ingles. 😊 que no saben :(? Y latino no se de idioma, hispano es que hablan español, latino es de Latina América, por ejemplo, los que son de Brasil. Educasen.”.

Tradução: “Para as pessoas que criticam seu Espanhol, vejo que não fazem nenhum esforço para por um comentário em Inglês. 😊 não sabem :(? E latino não vem do idioma, hispano é o que fala Espanhol, latino é o da América Latina, por exemplo, os que são do Brasil. Eduquem-se.”.

Lina inicia seu comentário recontextualizando toda a interação e os comentários negativos ao fazer referência a “para la gente que critica su español”. Com tal referência, a participante já endereça seu texto e sinaliza sua própria crítica. Esta é construída através das referências “lucha” e a expressão “comentário em ingles”. O signo “lucha” indexicaliza o esforço de se usar uma “língua” e, com isso, Lina, indiretamente, valoriza o esforço de Gina em usar o dito Espanhol e critica quem não se esforça a usar outra “língua” – no caso, o dito Inglês. É interessante notar ainda que o emoticon 😊 aponta para um tom jocoso e satírico que a crítica incorpora.

Conforme desenvolve seu argumento, Lina afirma que “latino no se de idioma”. O uso dos signos “latino” e “idioma”, juntos em uma frase negativa, apontam para um rompimento do elo entre latinidade e “língua”. A latinidade é associada ao signo

¹¹ O nome Lina faz referência à personagem Lina (sobrenome desconhecido).

¹² O nome Alba faz referência à personagem Alba Gloriana Villanueva.

¹³ O nome faz referência à personagem Luisa Alver.

“América latina”, indexicalizando uma construção de latinidade calcada na geografia. A participante entextualiza discursos de latinidade como identidade de quem nasce na América latina; há um novo processo de iconização em jogo. A “língua” não é mais um ícone da identidade latina; o continente latino-americano o é. Tanto que “los que son de Brasil” são considerados, pela participante, como latinos. A “língua” seria, na verdade, o ícone de outra identidade: “hispanica”. O signo “hispano”, ao ser predicado como “es que hablan español”, aponta para sentidos de falantes do dito Espanhol. Temos, então, duas categorias em jogo: “hispanos” e “latinos”, esta construída com base na noção moderna de “fronteira” e aquela tendo a “língua” como ícone.

(7) Alba: “I didn’t even notice the toes. I just saw a happy person in a photo. Btw I can relate to the Spanish part. I’m half Mexican and was never taught Spanish. I get told I shouldn’t even consider myself a Latina. Or what an embarrassment I am. Always I find you inspiring and awesome!”

Tradução: “Eu nem notei os dedos. Apenas vi uma pessoa feliz em uma foto. De qualquer forma, eu posso me identificar com a parte do Espanhol. Sou metade mexicana e nunca me ensinaram Espanhol. Dizem para mim que eu não deveria me considerar latina. Ou que sou uma vergonha. Sempre te acho inspiradora e maravilhosa!”

Alba, outra interlocutora, começa seu texto recontextualizando a polêmica dos dedos¹⁴, mas o foco de seu comentário é a questão da “língua”. A participante se alinha à Gina ao afirmar: “I can relate to the Spanish part”. O signo “relate” aponta para uma ordem indexical da empatia; empatia de Alba para com a situação da atriz. Os signos “Mexican” e “Spanish”, usados juntos, indexicalizam uma relação naturalizada entre “nação” e “língua”, orientados pela ideologia linguística tradicional pautada na tríade “língua”-“nação”-“povo”. Mas o signo “never” rompe com tal relação: apesar de descendente de mexicanos, ela nunca aprendeu a “língua”.

A expressão “shouldn’t even consider” e o signo “embarrassment” indexicalizam a deslegitimação de sociabilidades latinas de Alba devido ao uso de um Espanhol fora do “padrão”. Assim como acontece com Gina, a participante também sofreu preconceito dentro da própria “comunidade latina”. Ela entextualiza, então, com esses signos, a ideologia linguística tradicional que orientou essas práticas pelas quais perpassou ao longo de sua vida, práticas circunscritas a uma ordem de indexicalidade em que a “língua” padrão é hierarquizada como superior a outras variantes. Vemos aqui, novamente, a “língua” como ícone da latinidade. E vemos ainda o apagamento de todas as sociabilidades que não se adequam à “norma”.

Ao expor essa represália, a participante subverte essa ideologia. Seu comentário é orientado por uma ideologia linguística em que a hierarquização de variantes é condenável ou, pelo menos, problematizada. A subjugação e a humilhação são criticadas e desconstruídas pela participante. Ela, portanto, não se alinha a interlocutoras como Petra, Rose e Xiomara; ela se orienta por uma ideologia linguística em que não há apagamento de outridades e que desafia os binarismos. Uma ideologia linguística em que a variante da “língua” usada não gera subjugações e sofrimento.

(8) Luisa: “This is exactly why I’m always embarrassed to use Spanish around native speakers. I’m half Mexican and basically understand everything in Spanish.

¹⁴ Além das críticas ao texto em Espanhol, muitos fãs reclamaram do uso de mecanismos de edição de imagens que, aparentemente, teriam resultado no corte dos dedos do pé da atriz na foto.

However, trying to learn more in HS, it messed me up. Now I'm always unsure if I'm using the right tense of a word when I'm speaking/writing. People need to STOP discriminating! We ARE Latinas!”.

Tradução: “Esse é exatamente o motivo pelo qual eu sempre fico envergonhada de usar Espanhol perto de falantes nativos. Sou metade mexicana e basicamente entendo tudo em Espanhol. Porém, tentar aprender mais no ensino médio me atrapalhou. Agora eu fico sempre insegura se estou usando o tempo verbal de uma palavra corretamente quando falo/escrevo. As pessoas têm que PARAR de discriminar! Nós SOMOS latinas!”.

Luisa faz referência direta à Alba, entextualizando seu comentário e alinhando-se a ela. A participante se predica como “embarrassed to use Spanish around native speakers”. O signo “embarrassed” aponta para uma ordem indexical de humilhação e subjugação, em práticas orientadas por uma ordem de indexicalidade que inferioriza o não-padrão. E, nesse contexto, o signo “native speakers” indexicaliza significados de falante nativo como o “padrão”, como o “certo”, como o “modelo”. No entanto, é uma indexicalização que valora negativamente esse modelo de falante nativo, que põe em xeque esse papel central.

A predicação “unsure” e a referência “right tense of a work” apontam para uma ordem indexical de gramática tradicional, circunscritas a ordens de indexicalidade pautadas pelo “correto” e pelo “incorreto”. Mas, além disso, é uma ordem indexical de angústia e de sofrimento; de angústia devido ao eterno policiamento das formas linguísticas usadas. Ao fazer uso dos signos “STOP” e “discriminating”, lado-a-lado, a participante se alinha a uma ordem de indexicalidade em que discriminação e inferiorização não são aceitas. O uso de letras garrafais em “STOP” indexicaliza a urgência do assunto, a necessidade de foco que a problemática merece. Esses dois signos entextualizam discursos de igualdade, de aceitação, de respeito pelo Outro. É um comentário orientado, então, por uma ideologia linguística que desconstrói a oposição eu vs. Outro, que visa ao fim de apagamentos e que enfraquece as noções de “certo” e de “errado” no âmbito linguístico.

(9) Gina Rodriguez: “[Para Alba e Luisa] Trust me ladies I know what you are going through. I too understand all Spanish and can definitely speak it conversationally but when I'm shamed by other Latinos it breaks my heart. The way we are raised is personal to our experience and shouldn't be condemned by anyone. All we can do is try and learn more and grow more as people. Love to you both!”.

Tradução: “Acreditem em mim, meninas, eu sei o que vocês estão passando. Eu também entendo tudo em Espanhol e consigo usá-lo em conversas, mas, quando sou envergonhada por outros latinos, isso me parte o coração. A forma como somos criados é única em nossas experiências e não deve ser condenada por ninguém. Tudo o que podemos fazer é tentar e aprender mais e crescer mais como pessoas.”.

Gina responde à Alba e à Luisa, recontextualizando seus comentários e alinhando-se a elas. A expressão “know what you're going through” indexicaliza esse alinhamento e a empatia de Gina pelas narrativas dessas participantes, aproximando a atriz de suas fãs. Os signos “understand” e “speak conversationally”, junto a “Spanish”, apontam para uma ordem indexical de *um* Espanhol informal, que desconsidera “normas” e “padrões”. É uma ordem indexical circunscrita a uma ordem de

indexicalidade em que diferentes variantes da “língua” coexistem. Pode até existir um “padrão” (e o signo “conversationally” sinaliza que ele existe); porém, as diferentes variantes não são hierarquizadas. Uma não é inferiorizada perante as demais.

A predicação “shamed by other latinos” aponta para sentidos de humilhação e subjugação. Deve-se ressaltar que a expressão “by other latinos” tem um papel importante nesse momento já que entextualiza uma ordem de indexicalidade no interior da própria “comunidade latina” em que variantes que não seguem a norma são rechaçadas. É em relação a esses discursos que a atriz faz referência a “breaks my heart”. Essa expressão indexicaliza tristeza e desapontamento, funcionando como ícone desse sentimento – um coração partido. O preconceito não é externo; é interno. E pode até ser interpretado como uma prática de resistência, talvez. Aqui vemos o processo de recursividade fractal em jogo: a oposição eu vs. Outro, que opõe o Norte ao Sul e a Europa à América Latina também opõe o Espanhol “correto” ao Espanhol “errado” e, por consequência, aquele que fala o Espanhol “correto” (mais latino) ao que fala o Espanhol “errado” (menos latino).

A referência “the way we are raised”, ao ser predicada como “personal”, aponta para sentidos de individualidade. O signo “condemned”, em uma oração negativa, indexicaliza discursos de igualdade e respeito, entextualizando uma ordem de indexicalidade em que as diferentes sociabilidades coexistem sem hierarquizações, sem inferioridades, sem humilhações. A expressão “grow more as people” recontextualiza toda a discussão e aponta para novos significados, em que uma forma de vida não seja preconizada em detrimento de outras. Gina, nesse comentário, não é orientada por uma ideologia linguística que hipervaloriza o falante nativo; ela é orientada por uma ideologia linguística que reconhece as diferentes variantes da “língua” como legítimas. Pode até existir um “padrão”, mas ele não é imposto nem considerado melhor que outros usos da “língua”.

A interação na publicação de Gina vai além desses comentários aqui explorados. E essa análise não visa a esgotar nem a prática analisada nem discussões sobre construções de sociabilidade latinas na web. Esse é um tópico que está em voga e gerando grandes debates – principalmente após a polêmica em torno do #OscarsSoWhite em 2016. Sem nenhum negro(a) e latino(a) dentre os principais indicados, cresceu o questionamento acerca da representatividade de e oportunidades para minorias na indústria do entretenimento – e na sociedade como um todo. É interessante, portanto, continuar endereçando eventos discursivos como esse e tentar fazer sentidos das “verdades” em choque e das construções de subjetividades.

6. Considerações iniciais

A questão da “língua” tem efeitos que vão além do âmbito linguístico em si – se é que esse âmbito puramente linguístico existe. Pensar a “língua” em perspectiva tradicional, como um sistema fechado de signos ao qual todos os falantes têm igual acesso, tem implicações severas na vida social. Um dos meus objetivos nesse trabalho foi desnaturalizar essa visão de “língua”, estranhá-la e (des)reconstruí-la. Alinho-me a uma forma de entender linguagem mais inclinada ao devir, ao processo, às práticas de construção de sentidos. É nesse contexto que direcionei meus esforços a entender as construções de sociabilidades latinas online, direcionando meu foco aos processos

semióticos (IRVINE; GAL, 2000) envolvidos nessas práticas e às ideologias linguísticas que orientam discursos.

É interessante notar que, de forma geral, os comentários de muitas interlocutoras foram orientados por uma ideologia linguística pautada na visão tradicional de “língua”. Isso fica evidente em comentário que, de alguma forma, indexalizam depreciativamente a variante de Espanhol usada por Gina. Nesses comentários, vemos a “língua” espanhola como ícone da latinidade, em uma relação em que pensar um implica pensar o outro. A existência de binarismos também se faz presente: a oposição Espanhol vs. Outras “línguas” é reproduzida em outros níveis, incluindo o intralinguístico – com oposições do tipo Espanhol “padrão” vs. Espanhóis “errados”. A esses Espanhóis resta o apagamento. São rechaçados, marginalizados, inferiorizados, subjugados e excluídos.

Há, em contrapartida, comentários que desafiam essa norma, incluindo o comentário de Gina – principalmente, o segundo. São comentários que, ao reconhecerem a legitimidade de outras variantes, ainda que reconheçam um padrão, alinham-se a uma ideologia linguística que instabiliza o sistema da “língua” e põe em xeque uma perspectiva homogeneizadora. Em casos como o comentário de Xiomara, o ícone é deslocado de “língua” para “continente”. Em outros, o ícone continua sendo “língua”, porém de modo menos estaque, de forma que as oposições não resultam em apagamentos – todas as formas de uso da linguagem são entendidas como legítimas.

Os contatos entre esses diferentes posicionamentos, entre essas diferentes ideologias, sinaliza a instabilidade das construções de sociabilidades latinas. Não há *uma* latinidade; há diversas. E elas coexistem. No entanto, não de forma pacífica. Como vimos, atritos são inevitáveis. Quando se assume que há *uma* “língua”, há espaço para rejeição e sofrimento. Mas Gina e algumas interlocutoras desafiam essa “norma”. O presente trabalho coaduna com uma visão de mundo que também desnaturaliza essas “normas”, que aceita a multiplicidade de formas de vida e que entende linguagem como um processo. Com isso, podemos reconhecer as variadas sociabilidades em jogo e legitimar as vozes daqueles/as que são usualmente apagados.

REFERÊNCIAS

- ANDRONIS, Mary Antonia. Iconization, Fractal Recursivity, and Erasure: Linguistic Ideologies and Standardization in Quichua-Speaking Ecuador. *Texas Linguistic Forum*, 47, 2004, Austin.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando Dizer é Fazer. Palavras e Ação*. Tradução Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médica, 1990.
- BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles Leslie. (1990). Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology*, California, v. 19, p. 59–88, out. 1990.
- BAUMAN, Zigmund. Introduction. In: _____. *Intimations of post-modernity*. Londres: Routledge, 1992, p. vii – xxviii.
- BAUMAN, Zigmund. Sobre a vida num mundo líquido moderno. In: _____. *Vigilância líquida: diálogos com David Lyon*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 7 – 24.
- BLOMMAERT, Jan. *Discourse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. (2011) *Language and superdiversity: a position*

- paper. Working papers in urban language & literacies, Paper 70. Tilburg University and King's College, Londres, 2011.
- BOMFIM, Manoel. A América latina: males de origem [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.
- BRAGANÇA, M. de. Entre a transculturação e o hibridismo: uma questão de identidade para a América Latina. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador.
- Butler, Judith. Introduction – On linguistic vulnerability. In: _____. Excitable speech: politics of the performative. Nova York: Routledge, 1997, p. 1-41
- CANCLINI, Néstor García. La globalización: productora de culturas híbridas?. Actas del III Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, 2000, Bogotá.
- DERRIDA, J. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- DUCHÊNE, A. & HELLER, M. (2012) Language in late capitalism. In: _____. Pride and Profit. Nova York: Routledge, 2012, p. 1-21.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006, p. 45-66.
- FARRET, Rafael Leporace; PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. Topoi – Revista semestral do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 30-42, jul.-dez. 2011.
- IRVINE, Judith; GAL, Susan. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, Paul. Regimes of language. Ideologies, politics and identities. Santa Fe: School of American Research Press, 2000, p. 35-83.
- JACQUEMET, Marco. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. Language and communication, v. 25, n. 3, p. 257-277, 2005.
- KROSKRITY, Paul. Language ideologies. In: DURANTI, Alessandro. A companion to linguistic anthropology. Oxford: Blackwell, 2004, p. 496-517
- MAKONI, Sinfree; PENNYCOOK, Alastair. (2001) Disinventing and reconstituting languages. In: _____. Disinventing and reconstituting languages. Clevedon: Multilingual Matters, 2001, p. 1-41.
- MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Introdução. Ideologia linguística: como construir discursivamente o português no século XXI. In: _____. Português no Século XXI. Cenário geopolítico e sociolinguístico. São Paulo: Parábola, 2013, p. 18-52.
- QUENTAL, Pedro de Araújo. A latinidade do conceito de América Latina. GEOgraphia – Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Rio de Janeiro, v. 14, n. 27, p. 21-45, 2012.
- SILVERSTEIN, Michael. Pragmatic Indexing. In: MEY, Jacob Louis. Concise Encyclopedia of Pragmatics. London: Elsevier, 2009, p. 756-759.
- SILVERSTEIN, Michael; URBAN, Greg. The natural history of discourse. In: _____. Natural histories of discourse. Chicago: The University of Chicago Press, 1996, p 1-20.
- VERTOVEC, Steven. Superdiversity and its implications. Ethnic and racial-studies, v. 30, n. 6, 2007, p. 1004-1054.
- VIEIRA, Vera Lucia; CASTAÑEDA, Eugenia Cecília Gomez. (2012). Identidade Latino-Americana: Dualismo ou Integração. VI Jornadas Latinoamericanas de Historia

de las Relaciones Internacionales: “Regiones y Naciones. Las Relaciones Internacionales en el Espacio Latinoamericano y en el Mundo”, 2009, Universidad Católica de Santiago del Estero, Argentina.

WOOLARD, Kathryn Ann. Introduction: Language ideology as a field of inquiry. In: SCHIEFFELIN, Bambi; WOOLARD, Kathryn Ann; KROSKRITY, Paul. Language ideologies: Practice and theory. Nova York: Oxford University Press, 1998, p. 3-47.